

a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



Maria Mendonça b...

MARIA MESSIAS ...

Roberta Mello

Ricardo L Jack

Marina Lopes Vaz de Sá

Clara Ferraz

pedro silveira sa...

PEDRO MAIA

MARIA CLARA A...

Maria Clara Borge...

Laura

DIAS DE REINVENÇÃO

roberto.imbuzeiro.oliv...

Beatriz



APM DOA VALES-CESTAS

A Associação de Pais e Mestres do São Vicente vinha buscando projetos para apoiar em 2020 quando a pandemia chegou trazendo, além do medo do contágio, muitas dificuldades econômicas, sobretudo para os trabalhadores informais e moradores de comunidades. A opção pela ajuda recaiu então neste público. Com o apoio da assistente social da mantenedora do Colégio, Flávia Almeida, foram selecionadas 30 famílias das imediações para receber, cada uma, um cartão da Sodexo (que não cobrou nenhuma taxa por isso) no valor de R\$ 100, durante três meses. “São famílias com entre 5 e 7 integrantes, que estão sem trabalho e passando por uma situação financeira de muita dificuldade”, disse Simone Fuss, presidente da APM. Os primeiros cartões a serem usados em supermercados para a compra de mantimentos e produtos de higiene foram entregues no Colégio, no início de junho. Os vales vêm se somar às tradicionais cestas básicas que as Voluntárias da Caridade distribuem mensalmente a 27 famílias da região, junto com remédios e outros produtos, comprados com verba repassada pela Associação.

a chama

Revista editada pela
**Associação de Pais e Mestres do
Colégio São Vicente de Paulo**

Ano XLVII Nº 103
Junho/ 2020

Supervisão Editorial
Marlene Martins Duarte e Claudia Regina Duarte

Reportagem
Rodrigo Prestes e Rosa Lima

Edição de Textos
Rosa Lima

Revisão
Norma Hoffmann e Marlene Duarte

Projeto Gráfico e Produção Editorial
Christina Barcellos

Capa
Alunos e professores em aulas remotas

Fotos
Pe. Lauro Palú, professores e alunos do CSVP, Simone Fuss, Christina Barcellos, arquivo Natalia Ourique, arquivo Gabriela Roméro, arquivo Maria Concetta Centola

Jornalista Responsável
Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Diretora Presidente
Simone Fuss Maia da Silva

Diretor Vice-Presidente
Carlos Machado de Freitas

Diretora Secretária
Cristine Clemente de Carvalho

Diretora Tesoureira
Renata Gorges Rocha Guimarães

Diretora Social
Marlene Martins Duarte

Representante dos Professores
Ivone Vieira

Assistente Eclesiástico
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Conselho Fiscal
Claudia Regina Duarte, Vania Etinger de Araújo, Simone Kropf, Neuza Miklos Pereira, Zena Eisenberg e Bernadete de Paulo Lou

Secretário da APM
Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho - Rio de Janeiro
RJ - CEP 22241-125
Tel. (21) 3235-2900
revistachama@csvp.g12.br

2 **CAPA**
DIRETORIA FALA DO
COLÉGIO NA PANDEMIA

8 **COMO SE ENSINA**
OS DESAFIOS DE DAR
AULA A DISTÂNCIA

12 **COMO SE APRENDE**
A QUARENTENA NA VISÃO
DE NOSSAS CRIANÇAS

14 **EXTRACLASSE**
AULAS REMOTAS
INCENTIVAM A EXPRESSÃO

16 **FALA, PROFESSORA**
COM VOCÊS, MARIA CONCETTA
CENTOLA, A CONCHINHA

18 **TRANSFORMADORA
SOCIAL**
GABRIELA ROMÉRO ESTÁ EM
MÉDICOS SEM FRONTEIRAS

20 **SOE**
MARIA CLARA BORGES E
O SARAU DAS EMOÇÕES

22 **NOTAS**

24 **CARTA**
AOS PROFESSORES E
PROFESSORAS

OI, CARO LEITOR

O que dizer deste 2020 até aqui? Um ano estranho e diferente de tudo o que já vivemos, certamente. Nem os roteiristas mais criativos imaginariam o cenário que se formou a partir da pandemia provocada pelo coronavírus.

Da noite para o dia a escola se viu vazia. O espaço privado, da casa, foi invadido pelo mundo do trabalho e virou palco também para a aprendizagem escolar. Todos precisaram se adaptar. E esta edição da Chama não poderia tratar de outro assunto. Como a escola vem se adaptando? E os professores? Quais os impactos na vida dos alunos? Como será a volta?

As perguntas são muitas, e as respostas, ainda incertas. Nossa ideia foi retratar este momento para que fique como um registro de como a comunidade do São Vicente encarou este estranho período de quarentena. Não está sendo fácil, mas acreditamos que estamos indo bem até aqui. Estamos com saudades dos abraços, do contato físico, da escola cheia, das trocas, do afeto, da correria nos corredores e quadras. E com saudades especialmente do nosso querido Bolinha, como sempre foi carinhosamente chamado o inspetor José Ricardo Ferreira Evangelista, que faleceu repentinamente na madrugada do dia 25 de maio.

Quando estávamos prestes a fechar esta edição, o São Vicente promoveu a roda de conversa on-line “Como Será o Amanhã”. Entre os convidados, Luciana Cavanellas, psicóloga e doutora em Saúde Pública, trouxe as palavras de Paulo Freire que queremos dividir aqui para que nos sirvam de inspiração nos tempos que temos pela frente: “É preciso ter esperança, mas esperança do verbo esperar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, é ir atrás, é construir. Esperançar é não desistir! É levar adiante, é juntar-se com outros para fazer de outro modo”.

Então vem junto com a gente. Precisamos esperançar.

Boa leitura.

Simone Fuss e Marlene Duarte



SÃO VICENTE EM QUARENTENA

Fato inédito em toda a sua história, o Colégio São Vicente precisou suspender suas atividades presenciais, em meados de março, para proteger sua comunidade de um vírus altamente contagioso, causador de uma doença pouco conhecida e de nome estranho, a Covid-19. O Colégio fechou totalmente, e tudo o que não podia ser realizado remotamente parou. Passados pouco mais de dois meses da quarentena imposta pelo novo coronavírus, *A Chama* quis saber como o São Vicente reagiu e está reagindo a esse enorme desafio de manter sua missão de portas fechadas. Nesta entrevista feita por email, o Diretor Pedagógico do Colégio, Pe. Agnaldo de Paula, e os Coordenadores Acadêmicos, André Marques e Norma Hoffmann, falam das medidas tomadas para garantir a continuidade do estudo e da aprendizagem durante a pandemia, como elas vêm sendo aplicadas e recebidas pela comunidade escolar, e o que se pode esperar para os meses à frente.

Acima e nas páginas seguintes, fotos tiradas por Pe. Lauro, há 10 anos, quando ele ainda era diretor do Colégio.

As imagens, apesar de antigas, remetem à situação atual, com a escola fechada e seus espaços vazios

A chegada da Covid-19 ao Brasil e o distanciamento social determinado em seguida, como forma de conter sua disseminação, trouxeram uma mudança inédita e radical na vida do São Vicente. Como o Colégio se posicionou frente a esse desafio?

Desde o momento em que a chegada da Covid-19 ganhou espaço nos meios de comunicação, o Colégio São Vicente adotou medidas de ordem sanitária, visando à mitigação da propagação do vírus. Espalhamos pela escola recipientes contendo álcool em gel, além de deflagrarmos uma campanha de divulgação da maneira correta de lavar as mãos e dos sintomas relevantes a serem observados.

Com a determinação da suspensão das atividades, no dia 13 de março, o Colégio enviou um comunicado à comunidade educativa e criou um grupo de gestão de crise, constituído pela diretoria, pelas coordenações acadêmica e de segmento, pela coordenação do SOE e membros da área administrativa.

Uma primeira ação deste grupo foi a solicitação aos professores e às professoras da produção de material didático, visando à manutenção do vínculo com as atividades escolares por parte do corpo discente, tentando, assim, amenizar a ansiedade deles e das famílias.

Entretanto, com a ausência de uma perspectiva de retorno às aulas presenciais em curto prazo, o grupo de gestão deu início à busca de alternativas para atender, da

“NUMA AÇÃO HISTÓRICA, FRUTO DE TOTAL ENGAJAMENTO E COMPETÊNCIA DE TODA A EQUIPE, NO DIA 6 ABRIL, O CSVP DEU INÍCIO AO PERÍODO DE EDUCAÇÃO ON-LINE”

melhor forma possível, os estudantes e suas famílias, sem deixar de lado o zelo característico do Colégio.

Que medidas foram tomadas para garantir a continuidade do estudo e da aprendizagem dos alunos?

A partir da nota de Esclarecimento do CNE, de 18/03/2020, passamos a estudar meios diversificados para o ensino on-line que nos garantissem qualidade, unidade, controle e registro dos conteúdos que seriam ministrados. Acrescente-se a isso o acompanhamento das avaliações e da certificação e registro do trabalho que seria realizado, aumentando a garantia legal de cumprimento do currículo. Importante destacar que, em nossos estudos, buscávamos uma ferramenta que não onerasse a escola ou as famílias,

já que ambas sofreriam forte impacto econômico e financeiro com toda a situação instaurada.

Em meio a esse cenário, recebemos o convite de uma empresa educacional, a Geekie (<https://www.geekie.com.br/>), que conhecemos anteriormente à crise, apresentando uma proposta de muita qualidade e seriedade, por meio do Geekie One, para atender o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio.

Experimentamos o uso dessa plataforma e o desenvolvimento do trabalho por eles proposto, chegando à conclusão de que se tratava de uma ferramenta muito proveitosa e satisfatória.

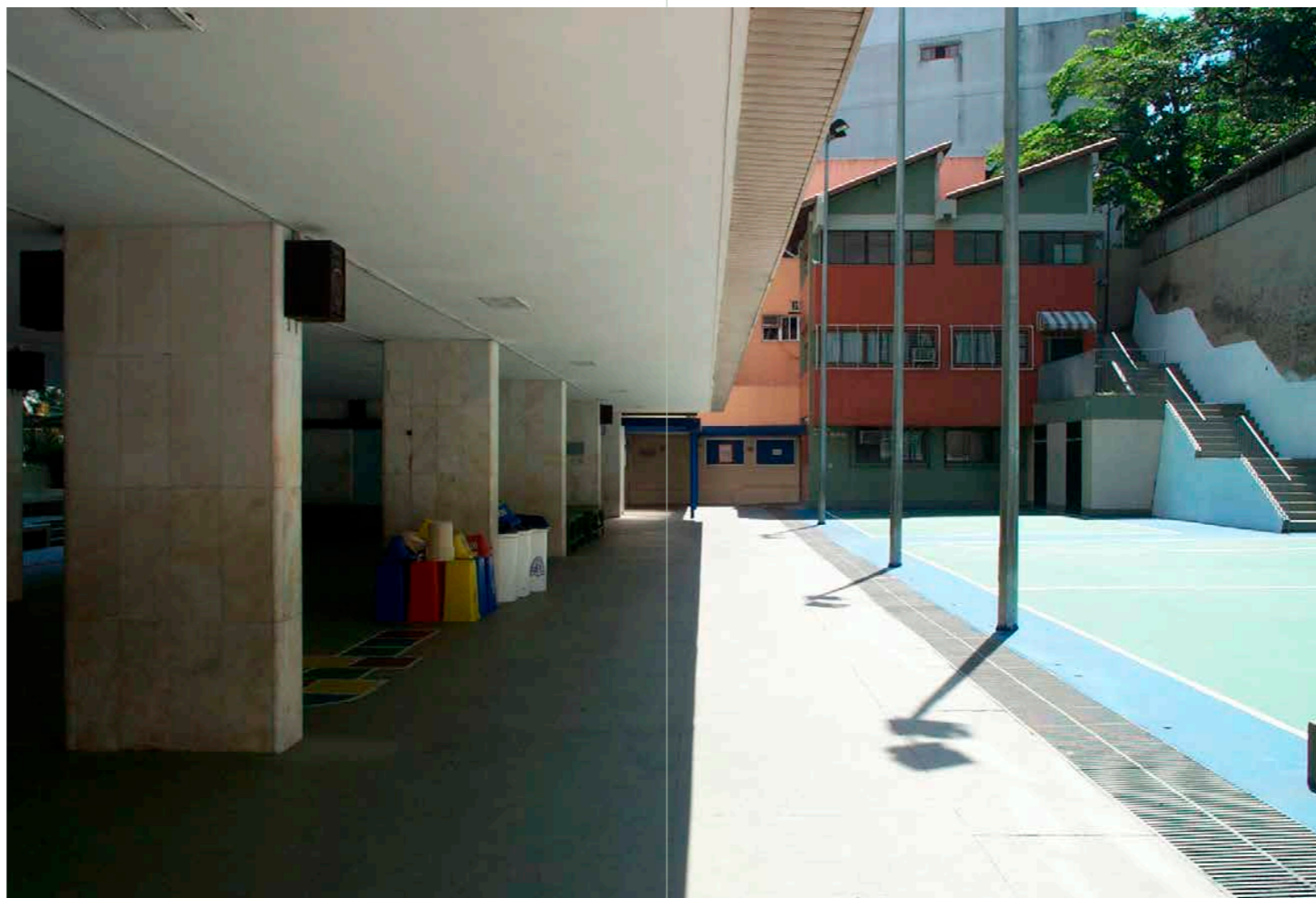
Passamos, então, para uma nova fase, em que o desafio era o processo de implementação do Geekie One, envolvendo etapas sucessivas, sendo as primeiras destinadas à formação da equipe pedagógica por meio de encontros virtuais, até chegarmos ao cadastramento dos estudantes, para iniciarmos o uso da plataforma.

No caso do Ensino Fundamental I, o encaminhamento apresentava uma complexidade maior, devido à diversidade de níveis de desenvolvimento cognitivo dos estudantes, o que requeria cuidar, ainda mais, do estreitamento dos laços afetivos, mantendo, na medida do possível, a natural aproximação que se dá entre docentes e estudantes.

As primeiras ações contemplaram a elaboração de atividades relacionadas aos conteúdos específicos de cada série, por disciplina. Paralelamente a isso, realizávamos reuniões de formação da equipe de professores e de professoras para a utilização da ferramenta que escolhemos para ministrar as aulas on-line, o Zoom.

Nessa formação com os educadores, demos especial atenção à busca de abordagens que contemplassem os propósitos de acolhimento, respeitando tanto a ludicidade requerida aos anos iniciais do Ensino Fundamental como o nível de desenvolvimento cognitivo dessa fase, e a formalização dos conteúdos. Mereceu, ainda, bastante atenção o cuidado no sentido de não sobrecarregar as crianças ou as famílias.

“HÁ VÁRIAS IDEIAS QUE VÊM SURGINDO EM NOSSAS REUNIÕES, NO INTUITO DE MANTERMOS VIVOS NOSSOS ESPÍRITO E CALOR HUMANO, AINDA QUE ESTEJAMOS LONGE FISICAMENTE”



Finalmente, no caso da Educação de Jovens e Adultos (EJA), um segmento em que se encontravam os maiores obstáculos, como dificuldades muito grandes de acesso às plataformas para educação não presencial, fomos instados, numa parceria com os educadores e com as assistentes sociais, a utilizar o *WhatsApp*, em que, por meio da criação dos grupos, por turma, além da interação, seria possível a indicação de atividades, visando aos processos de ensino e de aprendizagem.

Assim, numa ação histórica, fruto de total engajamento e competência de toda a equipe, com especial deferência aos professores e às professoras, sem deixar de lado a equipe de informática, no dia 6 abril, o CSVP deu início ao período de educação on-line.

Para tal, se tornou essencial que todos os integrantes da comunidade educativa retomassem a leitura da Política Institucional 3, que nos estimula a sermos integrantes de uma “... comunidade aprendiz”, em que os erros e os acertos tornem-se oportunidades impulsionadoras da aprendizagem”. Assim, mesmo diante das dúvidas, das incertezas, das inseguranças e dos erros que venham a ser cometidos, certamente, se farão necessários boa vontade, entendimento e, sobretudo, a efetiva colocação em prática de cada uma das Virtudes Vicentinas.

E para a manutenção dos laços socioafetivos entre a comunidade escolar, o que vem sendo feito?

Tanto a Coordenação Comunitária como o Setor de Desenvolvimento do Educador Vicentino têm desenvolvido ações on-line para a manutenção dos laços socioafetivos em duas linhas distintas: uma que vise a reafirmação de marcos e datas importantes previstos em nosso calendário, e outra que atue diretamente no enfrentamento da realidade atual (campanhas de prevenção e mensagens espirituais). Assim, por exemplo, temos, por meio do ClassApp:

1ª) a divulgação dos aniversariantes do mês, com o envio de um cartão virtual, estimulando os colegas a se manifestarem junto aos aniversariantes;

2ª) a campanha de prevenção ao coronavírus, com o envio de dicas de prevenção, saúde, higiene e segurança;

3ª) o envio de mensagens de espiritualidade da Pastoral, levando palavras vicentinas de esperança, fé e paz, semanalmente, às famílias e aos educadores;

4ª) a divulgação das efemérides, mantendo o calendário comemorativo do CSVP, com a emissão de mensagens e ações específicas para cada educador, como o cartão virtual de Páscoa;

5ª) a sugestão de práticas diversas relacionadas aos cuidados com a saúde e com o bem estar, que contri-

“CIENTES DO CENÁRIO ATUAL VIVIDO POR TODA A SOCIEDADE, BUSCAMOS ALTERNATIVAS PARA QUE A COMUNIDADE EDUCATIVA PASSASSE POR ESTE MOMENTO COM O MENOR IMPACTO POSSÍVEL”

buam para a sensação de conforto e tranquilidade físico e mental;

6ª) dicas de atividades e recursos capazes de divertir e distrair positivamente os educadores, sendo também uma possibilidade de adquirir cultura.

Além disso, há contatos telefônicos com cada educador para saber como estão lidando com as demandas deste momento.

Enfim, há várias ideias que vêm surgindo em nossas inúmeras reuniões, no intuito de mantermos vivos nossos espírito e calor humano, ainda que estejamos longe fisicamente.

Como os diversos setores da escola foram afetados? O que parou?

A afetação foi plena. O Colégio fechou totalmente, transferindo as atividades em que cabe a realização por meio remoto para o regime de home office.

Então, em geral, pararam todas as atividades que somente podem ser realizadas no espaço escolar, incluindo a manutenção.

Que avaliação se fez do impacto econômico-financeiro da paralisação para a Escola e as Famílias? Que medidas foram tomadas para mitigá-lo?

Como citamos anteriormente, toda essa situação impõe um cuidado amplo e ao mesmo tempo pontual com as questões econômico-financeiras. Há um cenário de recessão severa em nível mundial, com reflexos ampliados em nosso país por conta da situação que vigia antes mesmo da pandemia.

Assim, em nível interno, em total consonância com as diretrizes da nossa mantenedora, a Província Brasileira da Congregação da Missão, cientes do cenário atual vivido por toda a sociedade, buscaram-se alternativas para que a comunidade educativa passasse por este momento sofrendo o menor impacto possível.

Na análise de todas as oportunidades de racionalização, esbarramos no gasto com a folha de pagamento e seus respectivos encargos, além de outras despesas não cabíveis de negociação, pois envolvem compromissos fixos,

“O GRUPO DE GESTÃO JÁ VEM PENSANDO NUM POSSÍVEL RETORNO, CONSTRUINDO CENÁRIOS VEROSSÍMEIS QUE POSSIBILITEM A ORGANIZAÇÃO DE UMA VOLTA CUIDADOSA”

e qualquer descumprimento implicaria em comprometer a saúde financeira do Colégio e da Mantenedora.

Assim sendo, optamos pela tomada de medidas que, em princípio, manterão todo o quadro funcional e o não adiamento de compromissos financeiros, dado que a receita do Colégio vem, exclusivamente, de suas mensalidades.

Diante disso, foram apresentadas as seguintes deliberações, com vigência até junho, quando o cenário será reavaliado:

1ª) Concessão de um percentual de desconto de 20% para aqueles que pagarem a mensalidade até a data de vencimento. Após a data de vencimento, o desconto cairá para 10%, sem cobrança de juros e multas.

2ª) Geração de um crédito a ser usado no próximo ano, para quem pagou a anuidade, ou no próximo semestre, para quem pagou a semestralidade.

2ª) Suspensão das atividades desenvolvidas no horário ampliado do Ensino Fundamental e nos cursos extras e, por conseguinte, de suas cobranças.

3ª) Revisão de todos os contratos com os parceiros do Colégio, no sentido de adequá-los ao momento atual de prestação de serviço, de forma não presencial, em virtude de o Colégio não estar funcionando plenamente.

Em suma, as medidas foram devidamente estudadas e discutidas, visando, especificamente, reduzir gastos das famílias nesses três meses, não criando problemas futuros para a comunidade educativa e, sobretudo, a manutenção da empregabilidade das equipes que trabalham no colégio.

Como o Colégio avalia a recepção de todas essas medidas e o andamento dos trabalhos nesse período da pandemia?

A avaliação por meio de evidências tem nos apresentado resultados além de nossas expectativas, não obstante haver o reconhecimento de problemas diários que envolvem bastante empenho e dedicação para serem sanados. Superamos a fase inicial do processo, quando as pessoas, de modo geral vivenciam o estágio da acomodação. A fase atual, que é a assimilação, trará novos desafios e mostrará a necessidade de ajustes pontuais que, neste momento, estamos tentando prever para antecipar as possibilidades de soluções.

O que se pensa para avaliações, cronograma e calendário escolar?

Nos espaços on-line, devem-se priorizar os processos de construção de significados em detrimento dos processos de transmissão de conteúdos, cabendo ao professor assumir o papel de moderador, sem deixar de promover as possibilidades de construção de conhecimentos por todos os integrantes do grupo.

Assim, especificamente no que tange à avaliação, é mister que o estudante compreenda como funciona o processo avaliativo e os critérios utilizados, bem como os seus pressupostos teóricos e suas finalidades práticas. A avaliação na educação on-line não constitui uma ação pontual e isolada, mas sim um processo dinâmico que está relacionado a diferentes fatores, como o momento, os conteúdos, as ferramentas e os procedimentos em questão.

Especificamente na educação on-line, há uma miríade de recursos que cumprem efetivamente o papel de ajudar o estudante a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo individual. Neste contexto, a avaliação passa a estar fundamentada nos princípios da flexibilidade, da colaboração, do coletivismo, da franqueza e da diversidade.

Assim, por exemplo, na educação on-line, a ênfase está na avaliação formativa, que pode ser realizada por meio do acompanhamento das participações dos alunos nas atividades propostas pelo curso, tendo como fonte os registros deixados nas diferentes ferramentas disponibilizadas no ambiente virtual.

Quanto ao cronograma e ao calendário escolar, aguardamos indicações mais específicas dos Conselhos Municipal de Educação e Conselho Estadual de Educação, a quem compete legislar sobre o tema, para podermos, em parceria com a comunidade educativa, conforme prometemos, organizá-los, atendendo a tudo o que recomenda o Conselho Nacional de Educacional.

Já se consegue desenhar um cenário para o segundo semestre?

O grupo de gestão já vem pensando num possível retorno, construindo cenários verossímeis que possibilitem a organização de uma volta cuidadosa e totalmente dentro dos parâmetros de segurança e de qualidade requeridos e consoantes com os princípios e valores do CSVP.

Que aprendizados esse período de quarentena está trazendo para a comunidade escolar?

São inúmeros, mas buscando ser sucintos, relacionamos os quatro pilares da educação, enunciados por Jaques Delors (economista e político francês que presidiu a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, da UNESCO, autor do relatório “Educação, um Tesouro a descobrir”, em que se exploram os Quatro Pilares da Educação): aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver.

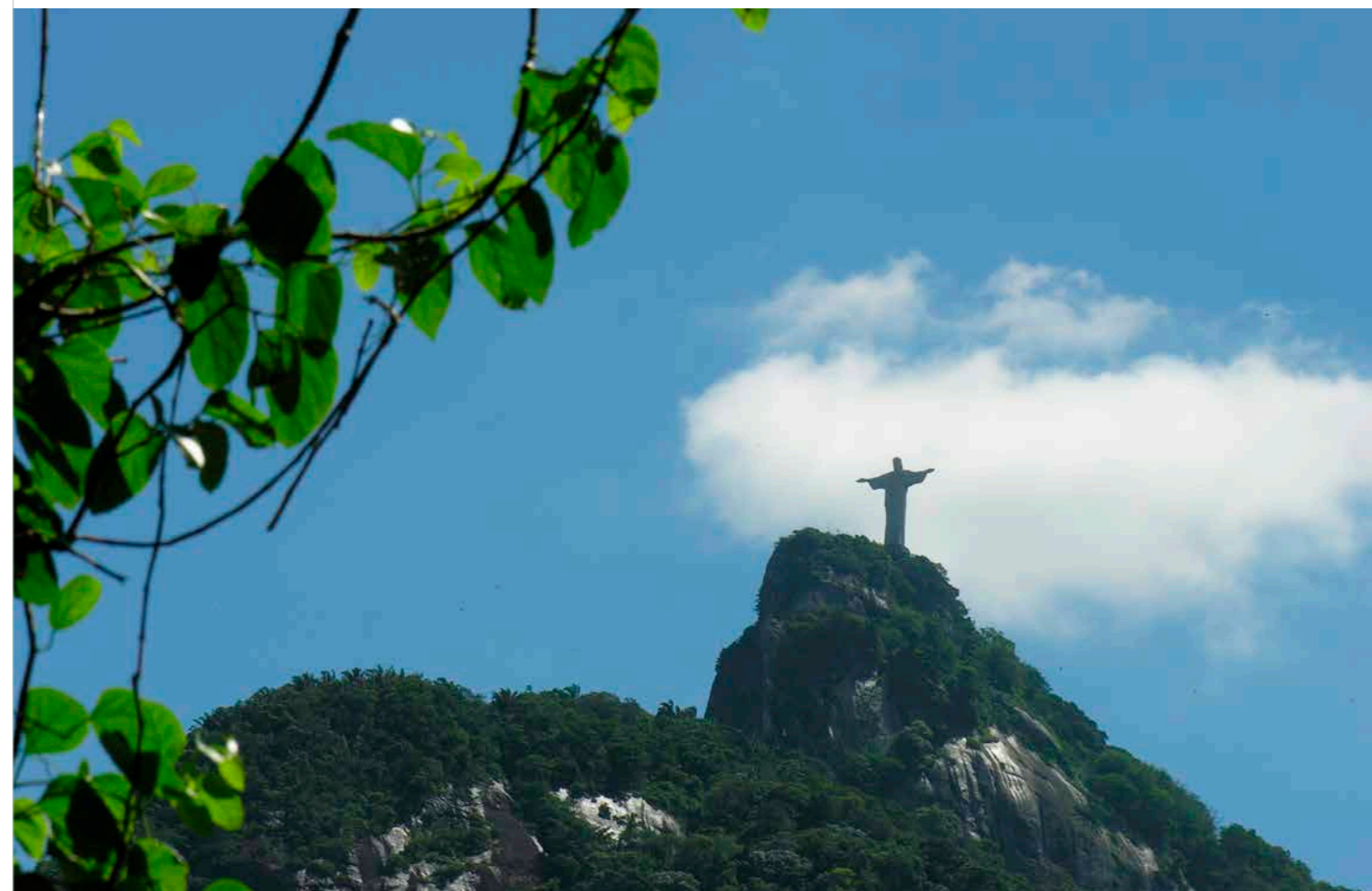


FOTO DE LAURO PALU

Passada a pandemia, o que deverá ser incorporado dessa experiência na vida do São Vicente?

Diante da crise mundial, nacional e local, sem precedentes, com impactos totalmente desconhecidos, falar sobre o futuro torna-se uma aventura que requer bastante cautela. Mas, certamente, é um momento em que, dada a maior valorização da sociedade em relação ao trabalho das escolas e dos educadores, em função da crise, deveremos ter um cenário propício a implementar mudanças na educação brasileira.

É mister questionarmos o que ensinamos, refletindo profundamente sobre a forma, sobre as finalidades. Os conteúdos formalmente instituídos devem perder sua primazia, abrindo espaços para outros saberes e maneiras diversas de aproximação e de apropriação do conhecimento. É o momento de aproveitarmos para pensar se outra escola é possível. Viemos de um modelo presencial, numa alteração abrupta. Mas certamente é uma mudança sem volta.

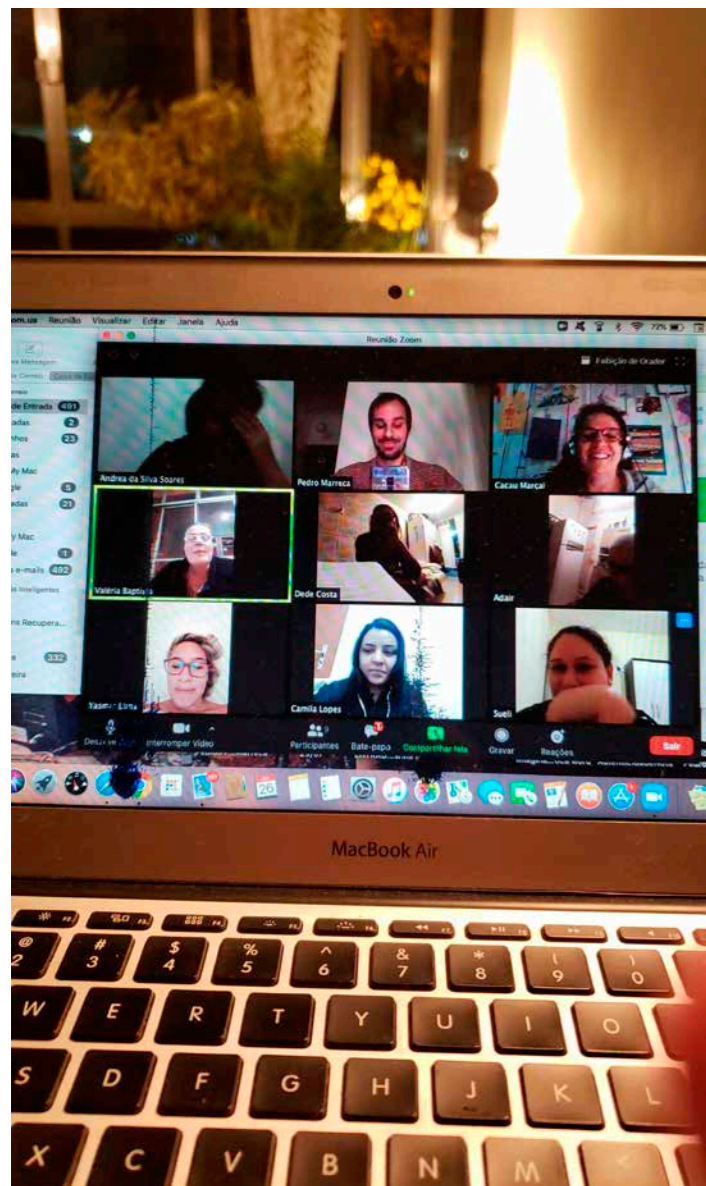
Assim, está posta uma importante oportunidade, dados os elevados graus de disposição e abertura de toda a comunidade educativa, para introduzir de maneira definitiva a tecnologia como instrumento pedagógico, sem deixar de lado a humanidade como mediadora do uso das tecnologias.

“É O MOMENTO DE APROVEITARMOS PARA PENSAR SE OUTRA ESCOLA É POSSÍVEL. VIEMOS DE UM MODELO PRESENCIAL, NUMA ALTERAÇÃO ABRUPTA. MAS CERTAMENTE É UMA MUDANÇA SEM VOLTA”

Uma coisa que se mostra de extrema necessidade é o cuidado integral perene a ser oferecido aos estudantes e aos educadores, por meio de ações articuladas entre diferentes áreas, no que concerne às competências socioemocionais. Acrescido a isso, é fundamental dar início a uma nova forma de diálogo e de parceria contínua entre as famílias e as escolas.

Porém, tudo isso deve ser ornado pelo que há no PPP do Colégio, incorporando em cada ação, de maneira muito presente, o jeitinho vicentino de ser.

OS DESAFIOS E AS RECOMPENSAS DE SE ENSINAR DE LONGE



Professores contam como está sendo a experiência letiva durante a quarentena

Quando no início de março a pandemia do coronavírus atingiu o Brasil, ninguém tinha a dimensão da proporção que iria tomar. Em pouco tempo, porém, ficou claro que as coisas demorariam a voltar ao normal (“o novo normal”), e o Colégio rapidamente começou as preparações para um inédito ensino regular a distância. Foram feitas reuniões de formação dos professores do segundo segmento do Ensino Fundamental (EF) e do Ensino Médio (EM) para a utilização das plataformas Geekie One e Microsoft Teams, e dos professores do primeiro segmento do EF para a utilização do Zoom. Para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), por conta de dificuldade de acesso tecnológico dos estudantes, a opção foi manter os contatos através de grupos de WhatsApp. A professora Vera Bonfim, de português e redação do EM e EJA, conta um pouco desse processo inicial:

“No início foi bem difícil, eu usava timidamente o Google Classroom e não conhecia as outras plataformas digitais. No final da formação que fizemos para usar o Geekie One, eu me lembro que perguntei: quando vocês implantam numa escola, quanto tempo leva a capacitação? A resposta foi: meses, a gente prepara em um ano para implementar no outro.”

Mas tempos de exceção pedem medidas de exceção, e o que levava meses teve que ser aprendido em dias. Em meio aos erros do princípio, Vera lembra que a paciência e boa vontade dos alunos foi fundamental para a coisa deslançar. Outro ponto fundamental, segundo a professora de inglês do 6º ano, Ivone Vieira, foi a mútua ajuda entre todos os professores. Como a maioria não tinha experiência com as plataformas online, as dúvidas eram muitas, e quem tinha entendido melhor uma parte explicava para os outros.

Educação física

Os professores de educação física do segundo segmento do EF e do EM, após algumas reuniões, resolveram fazer um trabalho conjunto com videoaulas gravadas, aproveitando a experiência de cada um deles, conta Paulo Nascimento, coordenador da educação física no colégio e professor do 6º ano e do EM. Fizeram uma primeira videoaula com orientações sobre alimentação e a importância da manutenção dos exercícios com regularidade

e a cada semana passaram a enviar séries temáticas para motivar os alunos: exercícios com movimentos de lutas, como a capoeira e o Muay Thai, ginástica geral e até uma iniciação a movimentos do surf.

“Nas aulas semanais a gente conversa com os alunos, tenta incentivar as práticas e tirar dúvidas a respeito dos exercícios que mandamos pelos vídeos. Lembramos a importância de se praticar várias vezes por semana para o bom funcionamento do sistema cardiovascular, para aumentar a imunidade e ajudar na manutenção do metabolismo e até na saúde mental”, conta Paulo.

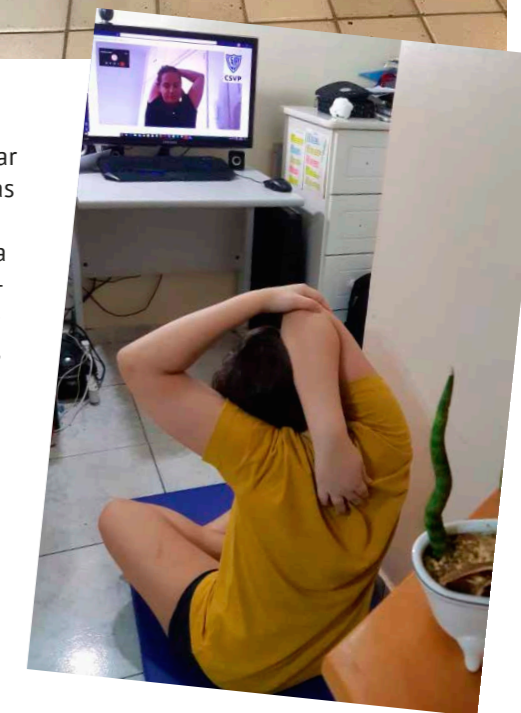
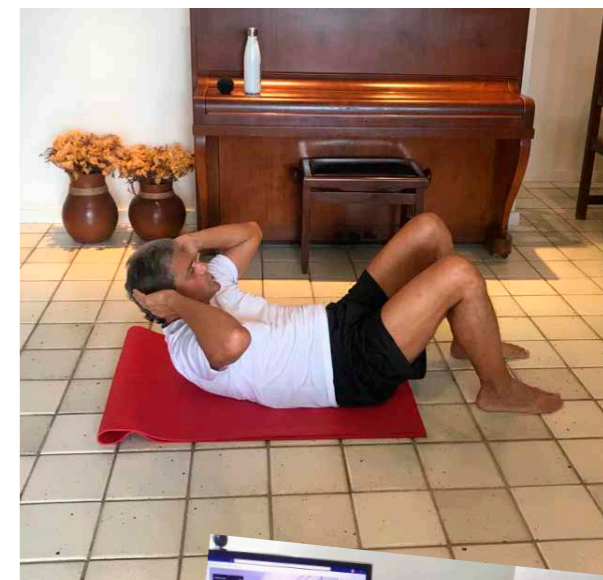
Para o primeiro segmento do EF, as professoras Tatiana de Arruda e Daniela Cordeiro optaram por diversificar suas aulas com brincadeiras e propostas de atividade que ajudassem principalmente os pequenos a entrar em contato com as sensações de bem estar das quais, de forma geral, estavam sendo privados.

“Já fizemos morto-vivo com posições de ginástica, malabário com bolas de meia e até pique-on-line, eu fazia o papel de feiticeira, eles corriam no lugar e de vez em quando eu “jogava um feitiço” em um deles e eles tinham que assumir uma posição dependendo do tipo do feitiço: pedra, ponte ou árvore. A gente tem tentado levar um pouco de afeto mesmo a distância e também ajudado eles a extravasar suas angústias através do movimento”, disse Daniela.

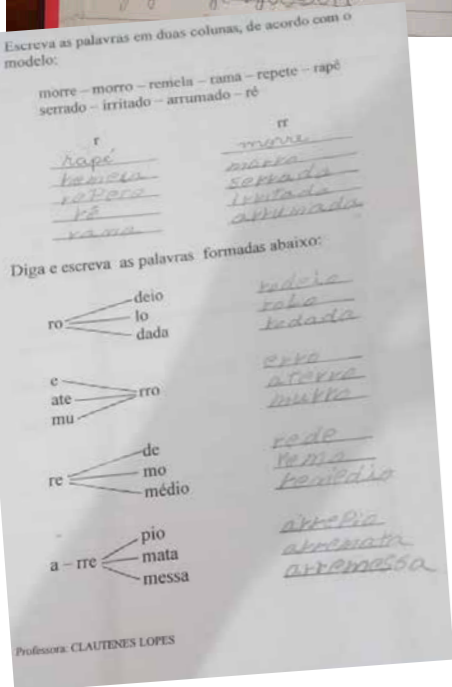
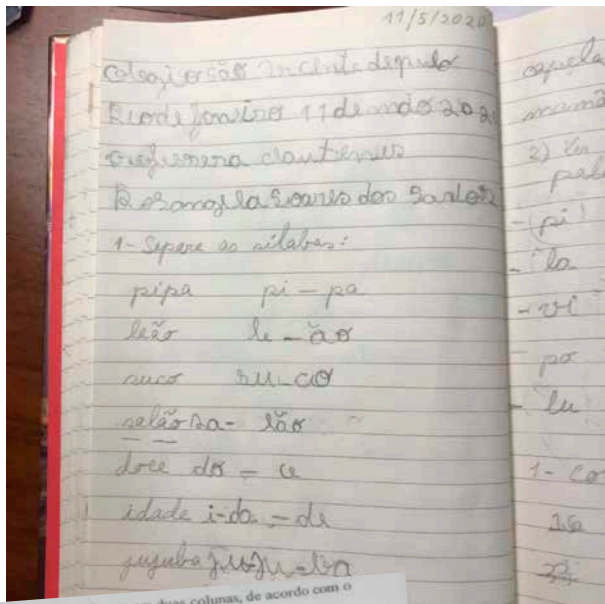
Tatiana vai pelo mesmo caminho: inventa circuitos, sessões de boliche, bola ao cesto e até jogos como *twister*. Professora e alunos também têm um combinado de estar sempre com uma garrafinha d’água por perto e se hidratar e movimentar mesmo nos dias em que não tem aula. “Eles precisam desse movimento, porque ficar direto dentro de casa é bem complicado. A maioria adora as aulas, dá pra ver no rostinho deles a alegria com as brincadeiras”

EJA

Na Educação de Jovens e Adultos a dificuldade de acesso tecnológico generalizada fez com que Direção e Coordenação optassem pela suspensão do semestre letivo, que deverá ser retomado em princípio na segunda metade do ano, mas também pela manutenção dos vínculos e a proposição de conteúdos através de grupos pelo WhatsApp. Segundo o coordenador pedagógico da EJA, Luís Gauí, o acompanhamento dos alunos para ver se estão precisando de alguma ajuda e as conversas de acolhimento têm sido o principal enfoque, e as atividades como leituras e exercícios vêm sendo passadas respeitando os desafios do segmento.



Na página ao lado, professores em reunião on-line. Acima, Paulo Nascimento demonstra exercício em casa, e Daniela Cordeiro dá aula remota de Educação Física. À esquerda, as professoras Vera Bonfim e Ivone Vieira ensinando a distância pelo computador



A professora Clautenes Faray, do primeiro segmento da EJA, diz que teve a sorte de já ter criado e enviado um caderno de leituras antes do início do isolamento social, o que facilitou seu trabalho. Ela tem feito vídeos explicando os conteúdos e proposto exercícios, que muitas vezes são respondidos por fotos enviadas pelos alunos, já que nesse primeiro segmento o trabalho de desenvolvimento da escrita ainda está em curso.

Já a equipe de ciências humanas do EM da EJA optou por unir forças e desenvolver atividades conjuntas. Pedro Marreca, de história, comenta que, apesar das dificuldades, a experiência de partilha nessa “sala de aula virtual” tem sido fortalecedora e gratificante. Esse trabalho, guiado pela virtude vicentina do zelo, tem se mostrado fundamental no período de pandemia. Junto com Valéria, de filosofia, Cacau, de artes, e Marcelus, de geografia, Pedro vem trabalhando nesse grupo único.

“Demos início a atividades de caráter interdisciplinar, cuja proposta é abordar temas como: identidade e cultura regional; os desafios da educação no Brasil; a globalização e o mundo do trabalho; história da luta contra o racismo”, conta ele. As propostas de trabalho partem da análise de obras de artistas como Zé Ramalho, Aldir Blanc, Chico Buarque, Cândido Portinari, dentre outros, e também perpassam o pensamento de autores como Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Milton Santos e Angela Davis, de forma a articular e estimular vivências, reflexões e debates. “Nossa principal motivação tem sido o retorno dos alunos em seu propósito de continuar trocando e crescendo conosco nesse contexto de tantas incertezas”.

Artes

Para a professora de artes Cacau, do 7º ano, EM e EJA, uma das grandes diferenças das aulas on-line para as presenciais são os tipos de respostas que os professores têm dos alunos. Em aulas presenciais, muitas vezes pelos olhares e pelas movimentações é possível sentir os rumos de uma aula, o que está dando certo ou não, e ir modificando o curso a partir dessa sintonização. Já nas aulas por vídeo, com câmeras e microfones fechados boa parte do tempo, esse retorno inexistente, e aí é preciso desenvolver outras táticas.

“Às vezes é estranho, como se eu estivesse dando aula para uma grande imaginação, praticamente sem feedback no momento da exposição. Depois, quando

peço os trabalhos, aquilo se materializa mais. Temos feito análises dos processos de criação e da linguagem de artistas como Leonardo Da Vinci, Mondrian, Kandinsky e os gêmeos, e uma coisa que fica clara é como esse espaço do desenvolvimento de um conhecimento sensível é importante, é uma espécie de encontro consigo mesmo e de criação de identidade no mundo”, avalia.

Cristina Ferrell, professora de artes dos 6º, 8º e 9º anos e de mídia das 1ª e 2ª séries do EM, diz que pelos relatos que recebe dos alunos as aulas são bem relaxantes, são momentos em que eles podem sair um pouco da “realidade” e voltar mais tranquilos, serenos. “Esse período deixou evidente que a Arte importa. Até para os mais perversos depreciadores da classe artística. A Arte é para transcender, fazer sonhar e refazer o mundo”, afirma.

Música e coral

Em relação às aulas on-line, José D’Assumpção, professor de música dos 6º, 8º e 9º anos do EF e da 1ª série do EM, tem um contratempo ainda mais grave para sua matéria: a questão do delay, ou atraso na transmissão. Segundo ele, por conta do problema, fica impossível desenvolver uma frase musical em conjunto, ou mesmo um ritmo. A solução, mais uma vez, veio através dos vídeos. A partir das orientações do professor, os alunos fazem gravações cantando ou fazendo percussão corporal, e às vezes fazem por cima dessas uma segunda gravação, gerando uma música completa.

Já Patrícia Costa, regente do coral São Vicente a Capella (SVAC), resolveu levar adiante o desafio de manter o coro ativo durante a pandemia por meio de encontros, para conversar e manter a união do grupo, e por ensaios dos naipes em separado, a partir de gravações com bases de piano, sobre as quais os coralistas gravam a própria voz. Ela lembra que, para os alunos, pertencer ao coral do São Vicente é motivo de orgulho e traz um senso de pertencimento que é preciso ser fortalecido, especialmente no momento que estamos vivendo. Ao mesmo tempo, a oportunidade inédita que estão tendo de desenvolver suas vozes cantando em separado também está, aos poucos, criando mais autoconfiança nos coralistas.

No momento, o SVAC está ensaiando três músicas e já tem até um vídeo sendo preparado. Aguardem.

“NOSSA PRINCIPAL MOTIVAÇÃO TEM SIDO O RETORNO DOS ALUNOS EM SEU PROPÓSITO DE CONTINUAR TROCANDO E CRESCENDO CONOSCO NESSE CONTEXTO DE TANTAS INCERTEZAS”

PEDRO MARRECA, PROF. DE HISTÓRIA DO EM/EJA



FOTO FRANCISCO CABRAL



FOTO HENRIQUE GONÇALVES

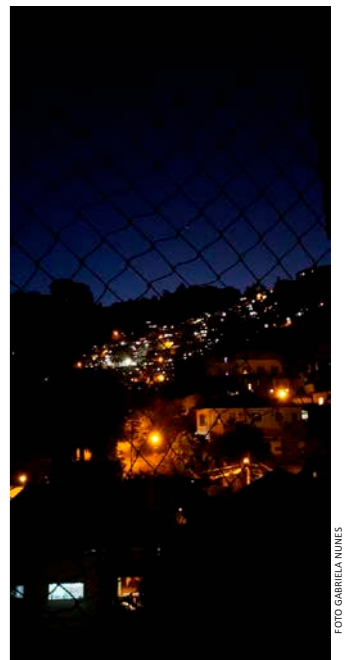
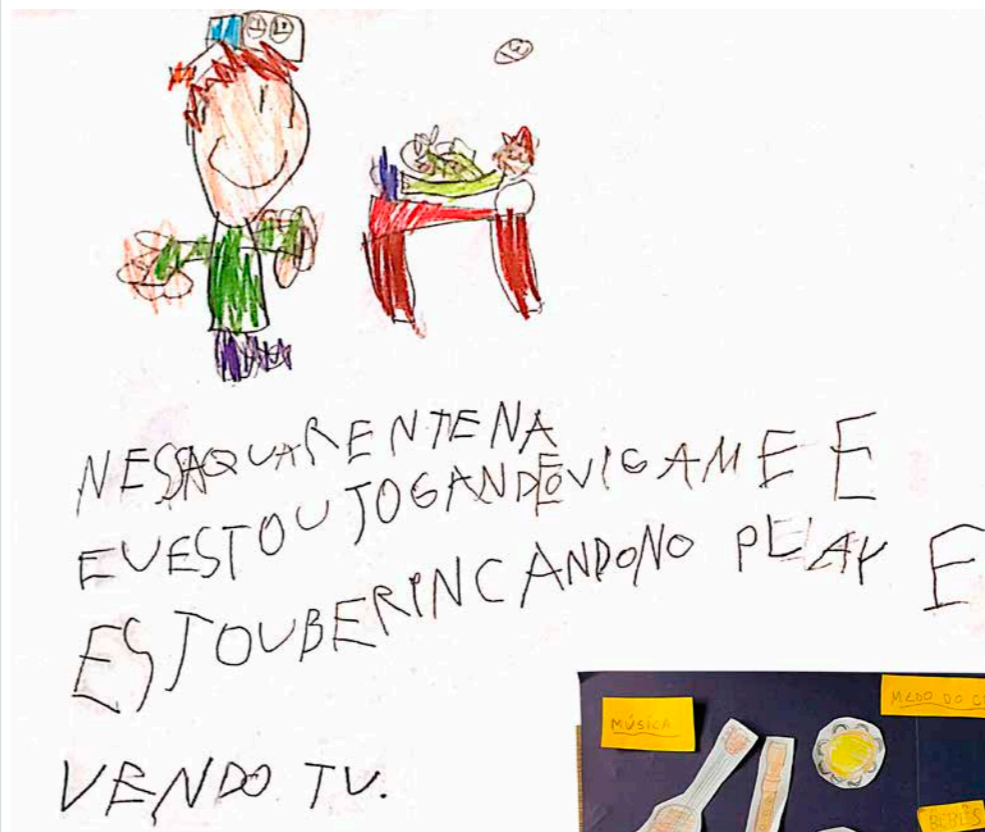


FOTO GABRIELA NUNES

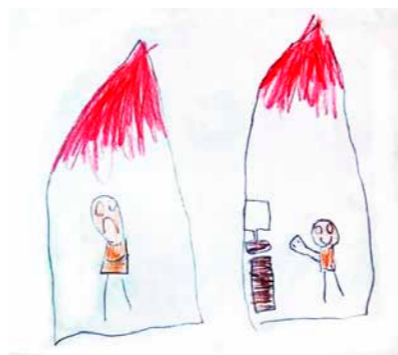
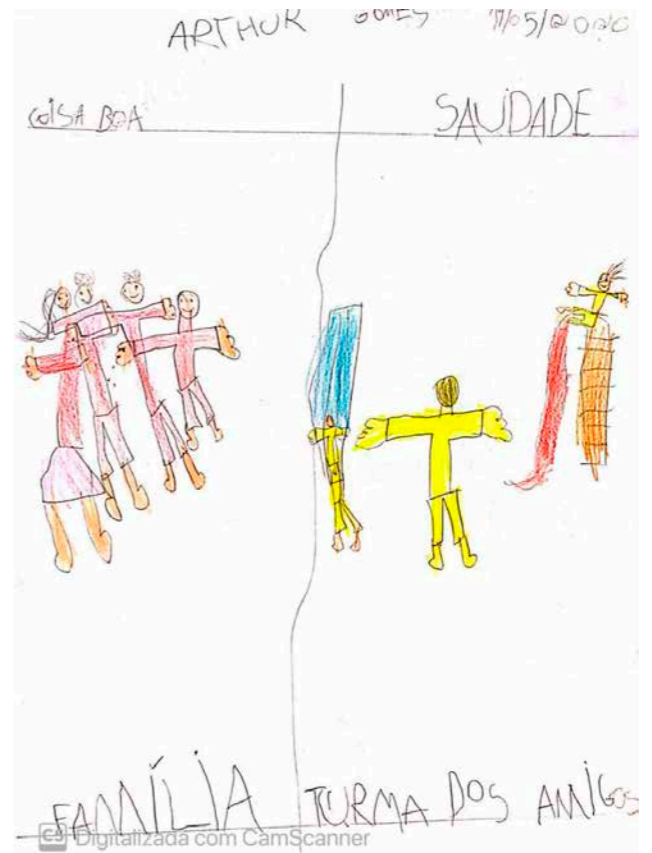
Acima, trabalhos de alunos da Profa. Cláutenes, da EJA. Ao lado, uma aula de história para o 6º ano com o Prof. Pedro Marreca. Na página ao lado, três fotos de alunos do 1º ano EM em quarentena, para as aulas da Prof. Cristina Ferrell, de artes visuais, e o Prof. José D’Assumpção numa aula virtual.





COM A ESCOLA DENTRO DE CASA

Se ficar preso em quarentena é difícil para os adultos, imagina para as crianças, cheias de energia para correr, brincar e se jogar no mundo? Os alunos do 1º ano do Fundamental, então, estavam começando a conhecer os professores e coleguinhas quando o Colégio precisou fechar as portas. Aqui, nos desenhos enviados à coordenadora Tania Costenaro, eles expressam os sentimentos em relação a esses dias passados dentro de casa, “indo à escola” pelo computador, tablet ou celular. Tristeza em estar longe dos amigos, saudade dos avós, vontade de passear, medo do “corona”, alegria de estar junto da família, de poder inventar brincadeiras, jogar videogame, ficar perto dos bichinhos de estimação... tudo isso aparece nos traços simples das crianças. Para elas e para todos os alunos do Colégio São Vicente, o nosso abraço apertado. Força aí, galerinha. Vai passar!



EXERCITANDO A EXPRESSÃO, MESMO À DISTÂNCIA

Oficinas remotas viram ferramentas de fortalecimento individual e coletivo na pandemia

Com o fechamento da escola, os Cursos Extraclasse, tradicionalmente oferecidos de forma presencial, também precisaram ser repensados. O Colégio optou por deixar a cargo de cada professor disponibilizar modalidades de turmas adaptadas à realidade on-line, ficando também sua organização e gestão por conta dos próprios profissionais responsáveis pelos cursos no período da quarentena.

Mônica Albertino, das Oficinas de Leitura e Escrita Criativa, já vinha pensando em passar parte de seus cursos presenciais para o formato online, mas com a pandemia o que era ainda um estudo de caso teve que se tornar realidade rapidamente. Ela conta que fez um curso para aprender a trabalhar com o Google Classroom, e que é por lá que ela passa os textos e propostas de atividades para os alunos. Com três turmas formadas, de 1º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, Mônica diz que a carga de trabalho aumentou muito, já que ao longo dos dias ela recebe dezenas de mensagens de pais e alunos a respeito dos cursos, mas que essa proximidade também tem um lado muito positivo.

“Escrever implica em muita confiança para você mostrar seu trabalho para outra pessoa. Nesse novo formato às vezes troco emails com os alunos, eles me mandam textos, mensagens pelo WhatsApp, se preciso faço algumas chamadas individuais. O feedback tem sido fantástico”, disse.

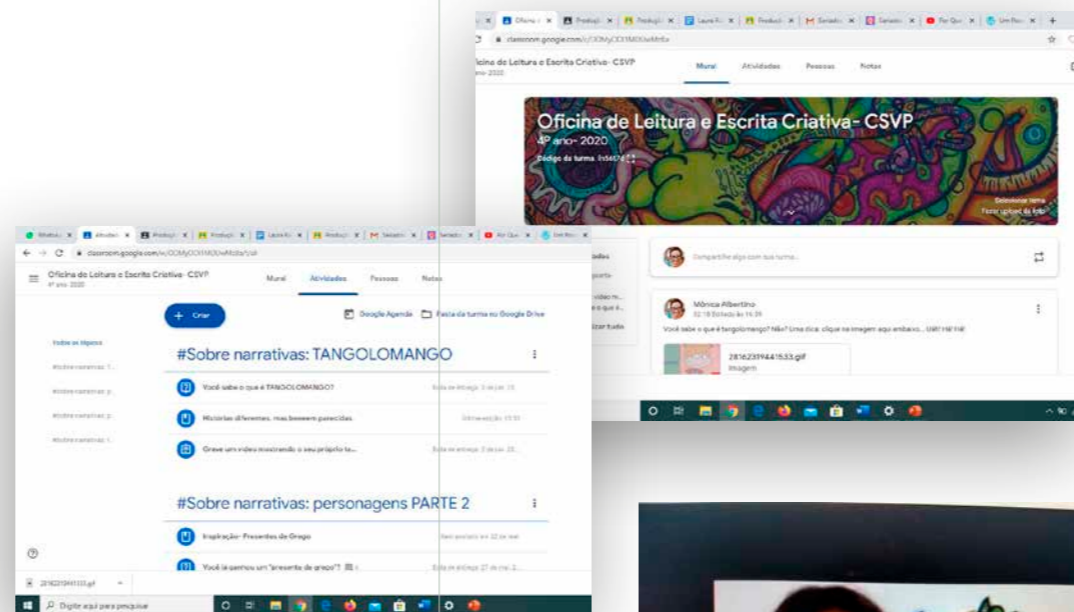
A professora Renata Azevedo, que tinha originalmente uma Oficina de Criação de Brinquedos de Sucata e um Ateliê de Artes, resolveu juntar seus cursos em um só, que ela chamou de Arte na Quarentena. Para a professora, a arte e a brincadeira são ferramentas que permitem que as crianças expressem suas dificuldades, frustrações e alegrias, criando soluções e interagindo com o mundo.

Nesse momento em que não estão podendo sair, esse tipo de atividade se torna ainda mais necessária. Em seus encontros, realizados através da plataforma Zoom, Renata vai guiando passo a passo a construção dos brinquedos e depois os pais mandam fotos do resultado final. Mas para ela, mais do que o resultado o importante é o processo criativo que permite com que os pequenos desenvolvam sua própria linguagem.

Competências socioemocionais

No caso do teatro, os professores Lauro Basile e Joana Cabral tiveram um desafio nada convencional, o de adaptar os exercícios da arte dramática para um formato que exclui esse elemento tão fundamental que é a presença física. Embora a timidez continue na hora de cada um abrir sua câmera e se expor para fazer alguns dos exercícios, Joana diz que seu maior alívio foi perceber que era possível criar atividades on-line que ajudassem a desenvolver competências socioemocionais como o trabalho em grupo, a auto-crítica, a autoestima e a capacidade de expressão, segundo ela algumas das principais habilidades que o teatro explora e aprimora.

Suas aulas acontecem duas vezes por semana, com duração de quarenta minutos para os pequenos, e uma vez por semana, com duração de uma hora e meia, para os maiores, pela plataforma Zoom. Enquanto sua turma de alunos do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental trabalha mais com jogos teatrais, dança e criação de histórias,



No alto, páginas do site das Oficinas de Leitura e Escrita Criativa da profa. Mônica Albertino. Descendo, no sentido horário, alunos nas aulas on-line de teatro mirim dos professores Lauro Basile e Joana Cabral, aluna apresentando seu trabalho para a profª. Renata Azevedo, e ao lado, reunião dos regentes e assistentes dos corais.

os mais velhos, do 6º ao 9º ano, já estão pensando em como montar uma espécie de peça virtual, já que o auditório provavelmente vai demorar até poder receber uma peça de novo.

“Acima de tudo está sendo um processo prazeroso, e o teatro juvenil está querendo montar de alguma forma um texto teatral da Alice no País das Maravilhas. Estamos estudando como fazer isso, eles já estão treinando, cada um gravando vídeos em casa. O desafio vai ser juntar esse material e fazer uma edição que simule uma peça.” Já Lauro, que está com três turmas, com alunos do 2º, 3º, 4º e 5º anos do Fundamental, tem trabalhando muito com jogral, construções coletivas de histórias e com o fazer poético em suas aulas, que costumam ter entre quarenta minutos e uma hora.

Para o regente dos coros Amigos do São Vicente e São Vozes, Danilo Frederico, a pandemia está sendo uma oportunidade para desenvolver o canto individualmente, algo que é difícil em uma prática de coral. Além disso, os grupos têm usado seus encontros semanais, realizados pelo Zoom, para se fortalecer emocionalmente, mantendo os vínculos ao mesmo tempo em que treinam sua capacidade de cantar em cima de uma base gravada das músicas, que é enviada pelo professor. Vídeos com treinamentos vocais são também remetidos regularmente aos integrantes dos coros, e Danilo acredita que os grupos vão sair fortalecidos desse processo. “Quando um dia a gente puder voltar, cada um vai ter crescido como cantor”.

Os interessados em se inscrever em alguma das oficinas on-line devem entrar diretamente em contato com os professores, pelos seguintes endereços e telefones/whatsapp:

Oficinas de Leitura e Escrita Criativa (1º ao 5ºEF)
Professora Mônica Albertino (Moniquete)
monica.albertino@aventuracomliteratura.com
21 97118-6272
<https://forms.gle/8Koj3NRCB15R9vkg7>

Teatros Mirim (1º e 2ºEF) e Juvenil (6º ao 9ºEF)
Professora Joana Cabral
joanacabralteatro@gmail.com
21 97533-8856

Teatros Mirim (2º ao 4ºEF) e Infantil (5ºEF)
Professor Lauro Basile
labateatomirim@yahoo.com
labateatroinfantil@yahoo.com
21 98724-7000

Arte na Quarentena (1º ao 5ºEF)
Professora Renata Azevedo
azevedorenataa@gmail.com
21 98171-2790

Corais Amigos do São Vicente (ASV) e São Vozes (adultos)
Regente Danilo Frederico
danilofrederico@hotmail.com
21 99657-0687

QUATRO PERGUNTAS PARA: MARIA CONCETTA CENTOLA



De cima para baixo, no sentido horário, Conchinha em sala de aula no São Vicente (2013); em casa, dando aula online durante a quarentena; com outros professores do colégio e Pe. Almeida, nos anos 90; e no Dia dos Professores de 1994, cantando com o prof. Zeduh.



Com 9 anos como aluna, 32 como professora e três filhos que fizeram toda a vida escolar no Colégio São Vicente, Maria Concetta Centola é o que se pode chamar de vicentina puro sangue.

Por pouco a matemática não a perdeu para a medicina, profissão que sonhava seguir. Também pensava em ser pesquisadora, mas foi fisgada pelo magistério e não o abandonou mais. Sorte dos seus alunos.

Nos últimos meses, Concetta se viu diante do desafio de dar aulas on-line, fato totalmente inédito em toda sua carreira.

“Nunca imaginei que passaríamos por momentos tão difíceis!”, confessa ela, que precisou se equipar e reinventar para seguir trabalhando. Mesmo sem os abraços, as aulas no São Vicente continuam dentro de alguma normalidade. Mas para os alunos das escolas públicas, muitos sem equipamentos e acesso à internet, as aulas pararam. “Educação precisa desse contato. Sem isso, fica inviável”, afirma, lamentando que o abismo entre as classes só faz aumentar.

Com vocês, a professora de matemática Maria Concetta, carinhosamente conhecida como Conchinha.

1 Por que matemática?

No que hoje seria o equivalente ao 8º ano, eu fui reprovada em matemática e fiquei revoltada, como toda adolescente. A reprovação tinha sido justa, eu que não tinha estudado. Mas, com o orgulho ferido, meti a cara no estudo para provar ao professor que eu era boa aluna. A partir daí só tirei notas altas e aprendi a estudar e a gostar de matemática. Passei no vestibular de medicina, que desde sempre era a carreira que eu queria seguir, mas nesse momento perdi uma amiga de parto por erro médico e acabei desistindo da profissão. Foi só aí que eu me voltei para a matemática, que cursei na antiga Faculdade de Humanidades Pedro II. Minha intenção era seguir carreira em pesquisa, não pensava em magistério. Mas assim que me formei, já com uma filha pequena, fui convidada a dar aula aqui no Supletivo do São Vicente e aceitei. Foi meu primeiro emprego. Eu não tinha a menor noção do que era sala de aula. Mas tive um paizão aqui, o Laerte Guerra, que também era professor da EJA, que me incentivou, me encaminhou e a quem eu devo muito do meu aprendizado como professora que me tornei. Hoje, além do São Vicente, leciono também no Município e no Estado.

2 Quais foram suas maiores alegrias como professora do colégio?

Na verdade, toda a profissional que eu sou eu devo ao Colégio São Vicente. Tanto pela vida escolar – foram 9 anos estudando aqui – quanto pela trajetória profissional, que me permitiu inclusive passar em dois concursos públicos e fazer uma pós-graduação. É um colégio que te deixa muito livre

para criar, dentro de uma determinada norma, claro. A todo congresso que eu ia, apresentava alguma novidade que já fazia aqui, porque a gente sempre conseguiu ousar dentro de sala de aula. Muito do sucesso dos nossos alunos se deve a isso também. E o apoio que a gente recebe para crescer, para ir a congressos, para fazer testes e projetos diferentes, isso me encanta.

3 E as maiores dificuldades?

Aqui a gente trabalha com alunos de classe média alta que não dependem tanto da educação para mudar sua vida como um aluno de baixa renda da escola pública. Então, nem sempre é fácil conseguir a atenção e o interesse de um aluno para quem você não é tão claramente importante. Outro desafio é a burocracia da instituição. Lidamos com formação de pessoas. Então é um outro cuidado que se precisa ter com os professores, que estão na linha de frente dessa formação, e com os próprios alunos. Principalmente quando esta escola se pretende ser de inclusão, é preciso dar muito mais apoio ao professor porque as dificuldades que se apresentam com essa opção são grandes.

4 Como tem sido o desafio de trabalhar on-line durante a pandemia?

Nunca imaginei que passaríamos por momentos tão difíceis! Estar trabalhando on-line me mostrou que continuamos aprendendo a cada dia. Tive que me preparar como um todo. Tinha um desktop antigo, mas sempre revisto e que supria as minhas necessidades. Porém sem câmera e sem microfone. Lembrei que em alguns supermercados vendiam notebooks, já que as lojas estavam fechadas, e não havia tempo para esperar uma compra pela internet. Enfim, montei toda a estrutura e, para os alunos do São Vicente, as aulas estão acontecendo dentro de alguma normalidade. Difícil é não ter os rostinhos deles pra ver: como estão, se estão entendendo. Difícil é dar bom dia sem abraçá-los, sem estar com eles... Principalmente nesses momentos em que muitos estão sofrendo. Importante dizer o quanto os alunos são carinhosos comigo. Sempre começo as aulas conversando, sabendo como eles estão... Vejo como necessário. Já com os alunos do Município e do Estado as aulas não acontecem. Tentamos uma sala no YouTube, gravamos aulas, mas eles não têm equipamentos para acessar as aulas ou as plataformas. De cada turma que tem cerca de 40 alunos, em média apenas três acessam. Para todos eu disponibilizei o WhatsApp para explicar a cada um, mas poucos da escola pública procuram. Educação precisa desse olhar, desse contato. Sem esse carinho, fica inviável. E o abismo entre as classes só aumenta.

NA LINHA DE FRENTE DA AJUDA HUMANITÁRIA

Ex-aluna Gabriela Roméro integra a organização Médicos Sem Fronteiras, que também responde à pandemia no Brasil



FOTOS: ARQUIVO GABRIELA ROMÉRO

“Não, não sou médica”, foi logo avisando a ex-aluna Gabriela Roméro ao iniciar a entrevista para *A Chama*. Jornalista formada pela PUC-Rio, onde também fez mestrado em Relações Internacionais, Gabriela, hoje com 31 anos, é Coordenadora de Conteúdo da organização humanitária internacional Médicos Sem Fronteiras (MSF), que leva cuidados de saúde a pessoas necessitadas nos quatro cantos do planeta.

No meio de fevereiro último, ela voltou ao Brasil depois de trabalhar como gerente de comunicação de emergência na República Democrática do Congo. O que seria um período de readaptação à rotina do escritório carioca virou uma corrida contra o tempo. Em meados de março ficou mais claro o tamanho da mobilização que a organização teria pela frente com o novo coronavírus se espalhando pelo mundo.

“É um desafio operacional sem precedentes, mesmo para uma organização como Médicos Sem Fronteiras, e nós, da comunicação, temos que acompanhar a velocidade do trabalho no terreno. Além de traduzir e publicar o material que chega para nós de todos os cantos do mundo, logo tivemos que redesenhar nosso trabalho para apoiar também os projetos que abrimos no Brasil para responder à crise de COVID-19”, conta Gabriela.

“Temos equipes médicas trabalhando neste sentido em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Boa Vista e em Manaus. Com isso, nossa equipe

ficou responsável pela produção do material local, que vai desde a filmagem e edição de vídeos, até a preparação de porta-vozes e material para a imprensa. Tudo isso trabalhando remotamente sempre que possível, mantendo o distanciamento social que é tão fundamental para contermos a propagação da doença”, diz.

Experiências desafiadoras

Há muito interessada em trabalhar com ajuda humanitária em nível internacional, Gabriela encontrou em Médicos Sem Fronteiras a possibilidade de realizar um sonho antigo. “Como muita gente, eu também achava que MSF só recrutava médicos. Mas aprendi que não. A organização na verdade foi fundada por médicos e jornalistas, então o componente de comunicação é algo fundamental na sua gênese. E isso sempre me encantou”.

Só do ano passado para cá, a ex-aluna já ficou cinco semanas em Moçambique, depois do ciclone que afetou o país, trabalhou em Roraima produzindo vídeos sobre saúde mental para crianças venezuelanas e atuou como gerente de comunicação de emergência em resposta ao surto de Ebola na República Democrática do Congo.

Mas desafios como esse era exatamente o que ela buscava como profissão. Antes de ingressar em Médicos Sem Fronteiras, em 2017, Gabriela trabalhou na revista *Veja*, numa empresa de comércio exterior, foi tradutora na

Alemanha, onde morou acompanhando o marido, e ajudou a criar a Rede Abrigo, que desenvolve e promove soluções de melhoria do acolhimento institucional de crianças e adolescentes no Estado do Rio.

Formação crítica

Em sua trajetória, ela diz que a passagem pelo Colégio São Vicente de Paulo, onde fez toda a formação escolar, foi crucial.

“Logo nas primeiras séries do Ensino Fundamental eu já participava do Comitê Grauninha. Eu lembro de visitar com o grupo organizações que ajudavam pessoas que vivem com HIV, ou abrigos de acolhimento de jovens e crianças. Isso foi super importante para aprender a olhar o outro”, afirma.

Gabriela também destaca a importância da abertura que sempre houve para o debate nas salas de aula do Colégio, onde se formou em 2006.

“No São Vicente havia essa liberdade nas aulas, essa possibilidade de entender as coisas sem uma visão tão bitolada em relação ao conteúdo programático, mas mais de acordo com um pensar crítico de forma geral. Entender que a sala de aula é muito maior do que a matéria que você está aprendendo, é lugar para contestar, sim, mas também ver e ouvir o outro, aprender a lidar com opiniões diferentes da sua. Isso foi muito importante na minha formação. E é fundamental que nunca se perca”. Presencialmente ou a distância.

“É UM DESAFIO OPERACIONAL SEM PRECEDENTES, MESMO PARA UMA ORGANIZAÇÃO COMO MÉDICOS SEM FRONTEIRAS, E NÓS, DA COMUNICAÇÃO, TEMOS QUE ACOMPANHAR A VELOCIDADE DO TRABALHO NO TERRENO”.

GABRIELA ROMÉRO

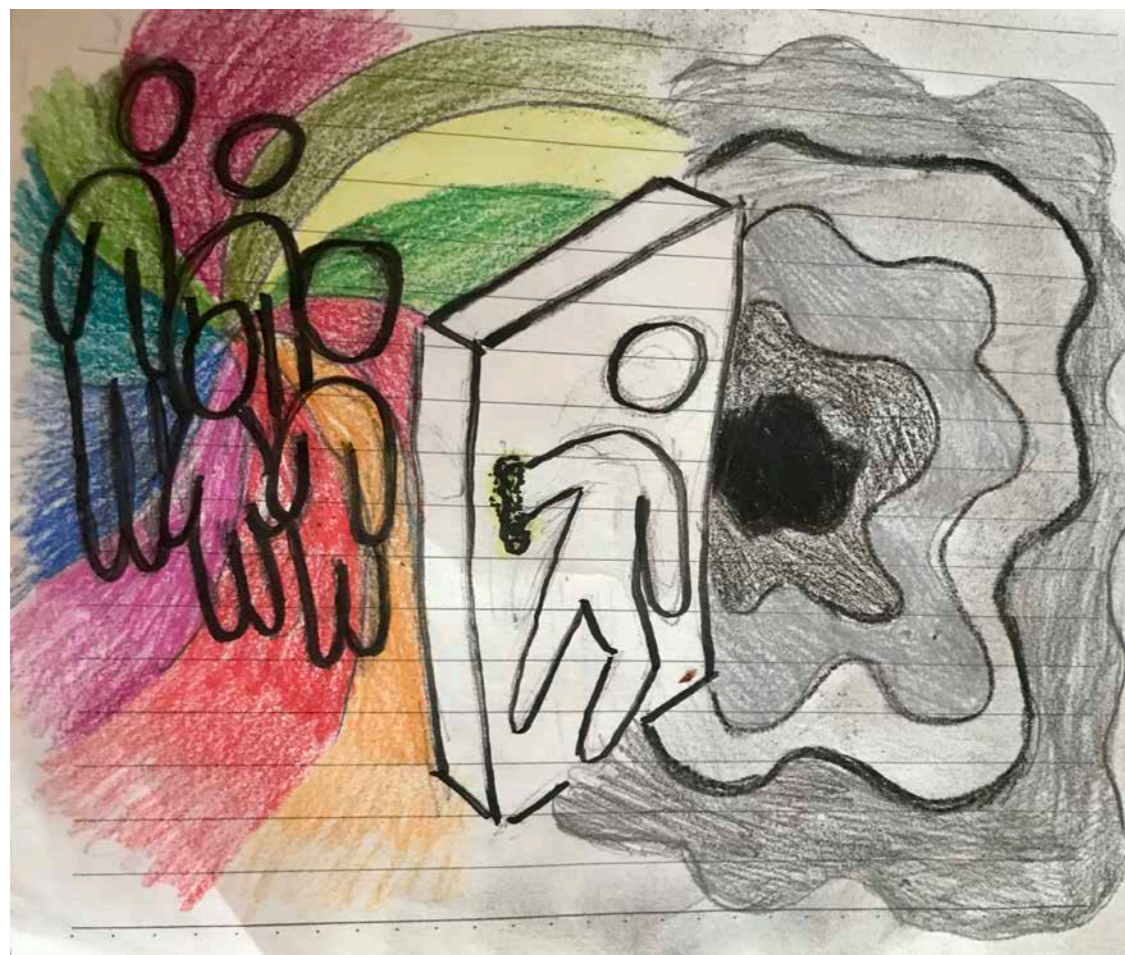


Acima, Gabriela em Mambasa, na República Democrática do Congo. Na página ao lado, em cima, com crianças em Moçambique, e no canto inferior, com colegas no São Vicente

DO SARAU DAS EMOÇÕES

**“Fora dos meus alcances,
inacreditavelmente em posição utópica,
a escola.
Ando sonhando com educação, noções do saber.
Saber teatro, saber dos outros, saber de dançar,
de encontrar, saber da vida,
saber da brequice do que chamam de “escola da vida”,
saber de tudo.
Ando sonhando com tudo.
Ando sonhando com coisas específicas,
mas principalmente com qualquer coisa que me tire daqui,
desse quarto, dessa casa...
mas dessa situação, desse mundo, desse tudo.
Na verdade meu sonho é voltar.”**

Beatriz Linhales Rangel, aluna do 1º ano B EM



Isa Vargas Menezes, aluna do 1º ano D EM

TER EMPATIA, ESCUTAR, ACOLHER, AJUDAR E ESPERAR

Pandemia em 2020. Estamos todos, dentro do possível, isolados em casa, e as escolas não podem funcionar. Então temos uma orientação do Conselho Nacional de Educação para reorganização dos calendários escolares utilizando, dentro do possível, o atendimento em domicílio, que temos chamado de Ensino Remoto.

O Ensino Remoto, na maioria das escolas, precisou ser criado às pressas. Não havia esta prática anterior, ou se havia, era um espaço muito limitado do trabalho. O que as escolas no momento estão tentando fazer é criar uma forma de continuar o trabalho que desenvolvem, sem ter tido tempo de se preparar para isso.

No São Vicente não foi diferente! Os professores se empenharam e passaram por um treinamento intensivo para trabalhar com as plataformas. Era muito importante garantir o vínculo com os alunos e manter situações de aprendizagem. Não sabíamos que este momento ia se estender por tanto tempo e que teríamos que vivenciar tantas emoções.

Os adolescentes, como todos nós, passam por momentos de tédio, de revolta, de apatia extrema, de tristeza. Um momento de luto coletivo para todos, de perda de tantos aspectos positivos na vida. No caso dos adolescentes, tudo se amplia pela forma imediatista com que normalmente veem a vida e pela importância que o grupo social tem neste período da vida. Ficar isolados é perder um pouco da sua identidade!

Claro que dentro da história pessoal e da personalidade de cada um, eles estão tendo mais ou menos dificuldade para lidar com esse período, mas o que normalmente a gente percebe é uma ansiedade grande, muito tédio, dificuldade de concentração e de organização das tarefas.

Soma-se a tudo isso a preocupação com os familiares, com o futuro de nosso país e deles mesmos. Quando tudo isso irá terminar? Seremos os mesmos?

O Serviço de Orientação Educacional vem procurando apoiar alunos e professores e até algumas famílias neste momento. No horário que temos com as turmas vamos desenvolvendo algumas atividades para que eles reflitam sobre seus sentimentos, expressem os mesmos e possam elaborá-los melhor. Utilizamos para isso dinâmicas, músicas, vídeos e textos.

Nos “chats” com disciplinas integradas temos desenvolvido, junto com alguns professores, momentos assim, como o “Sarau das emoções”, onde os alunos foram convidados a cantar, tocar, declamar um texto ou poema e expor imagens criadas por eles. Outro momento foi o chat “Atrás da Nota”, que trabalhou a História do Brasil através da música. Com os professores, os alunos também foram convidados a tocar e cantar on-line.

Além disso, as orientadoras passaram a atender os alunos que estão tendo mais dificuldade de se organizar nos estudos ou alguma questão emocional. Marcamos um momento e conversamos pelo vídeo.

Outro aspecto que emocionou muito os professores foi a empatia dos alunos para com eles. Quando não sabiam ainda utilizar alguma ferramenta, os adolescentes ajudavam, explicavam, tinham paciência de esperar. Isso reforçou muito os laços afetivos. Sentimos no Ensino Remoto a falta de estar perto do aluno, não olhar nos olhos, não perceber se estão juntos mesmo, se estão participando, se estão compreendendo. Pela distância é bem mais difícil perceber a participação e a aprendizagem deles. Tem sido um duro aprendizado, uma constante busca de recursos para motivar e buscar uma aproximação.

Ou seja, estamos em um momento totalmente novo, inédito para a humanidade e para a educação. Muita ansiedade, muitos medos, muita novidade. Observo os professores, meus colegas, lutando bravamente para manter o processo educativo vivo de alguma forma. Se preocupam com o fracasso, mas vibram a cada acerto!

Cabe a cada um de nós ter paciência histórica; pais com alunos e professores, professores com alunos e pais, alunos com pais e professores, direção e coordenação, com todos eles! Com as limitações de cada um, com o tempo de cada um, com as angústias de cada um. Ter empatia, escutar, acolher, ajudar e esperar. #fiqueemcasa.

Maria Clara Borges
pedagoga, psicopedagoga especializada em
pedagogia da cooperação e integrante do
Serviço de Orientação Educacional (SOE)
do Colégio São Vicente.



MÁSCARAS PARA O MURO DA GENTILEZA

A recomendação do Ministério da Saúde para o uso de máscaras de pano como proteção adicional contra o coronavírus foi a deixa que o aluno Vinícius Ourique Velho, do 3º ano do Ensino Médio, precisava para pôr em prática a ação de solidariedade que buscava. Desde o início da quarentena, ele e sua mãe, a produtora Natália Ourique, vinham pesquisando formas de ajudar quem estivesse passando alguma necessidade durante a pandemia. A distribuição de máscaras artesanais foi o meio escolhido por eles.

Com o apoio de mais duas amigas de Natália, que com ela investiram cerca de R\$ 500, Vinícius pesquisou nas redes sociais fornecedores capazes de confeccionar as máscaras no padrão recomendado e produziu o material, com instruções de uso, para pendurar no Muro da Gentileza do Colégio. Já na primeira semana de abril, as primeiras 65 máscaras eram deixadas no muro do São Vicente para quem quisesse pegar.

O sucesso da iniciativa com os moradores das comunidades do Cosme Velho foi imediato. Ganhou logo em seguida notícia no jornal *O Globo* e não parou mais, se espalhando por outros muros e varais da Zona Sul. Até meados de maio, já eram mais de 2 mil máscaras distribuídas por Natália e Vinícius, que passaram a intermediar pessoas e grupos que doam a projetos que fazem a distribuição de itens aos que precisam.

Além de máscaras de proteção contra o coronavírus, eles têm centralizado a arrecadação e distribuição de cobertores, fraldas, kits de alimentação e higiene e roupas sobretudo para pessoas em situação de rua. "Virou uma verdadeira corrente do bem", conta Natália, que atribui a iniciativa dela e do filho ao olhar para o outro cultivado desde as primeiras séries no São Vicente. Afinal, além de mãe, Natália é também filha de vicentinos, além de ser ela própria ex-aluna do Colégio. "Essa marca fica impregnada na gente", diz.



FOTOS: ARQUIVO NATÁLIA OURIQUE



Congregação da Missão, 200 anos no Brasil



Congregação da Missão, 200 anos no Brasil



200 ANOS DOS LAZARISTAS NO BRASIL

A Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), mantenedora do Colégio São Vicente de Paulo, lançou, no final de maio, o documentário *Congregação da Missão: 200 anos no Brasil*, na sua página do Facebook e também no IGTV do seu Instagram. Com 48 minutos de duração, o filme conta a história e celebra o bicentenário da chegada dos Lazaristas (vicentinos) ao país. "Nós somos missionários da esperança", diz o Pe. Agnaldo de Paula, diretor pedagógico do São Vicente, no vídeo, que traz depoimentos de outros padres, como Geraldo Mól, diretor da PBCM, e Lauro Palú, ex-diretor do Colégio, e também de professores e alunos do Colégio São Vicente, irmãos e seminaristas sobre a Congregação fundada por São Vicente, seus valores de evangelização e acolhimento dos pobres e suas obras em prol da educação e da transformação social, ao longo de dois séculos em território brasileiro. O documentário também se encontra disponível no canal da Província no Youtube (www.youtube.com/c/lazaristasbrasil).



Congregação da Missão, 200 anos no Brasil



Congregação da Missão, 200 anos no Brasil

O AMANHÃ EM DEBATE

Na noite de 16 de junho, uma roda de conversa organizada pelo Colégio reuniu, remotamente, mais de uma centena de educadores, alunos, pais e responsáveis. O tema era mais que instigante – *Como será o amanhã?* E para falar sobre ele, dando pistas de como poderá ser a vida pós-pandemia, foi convidado um time de vicentinos notáveis. Três dos palestrantes são do quadro da renomada Fundação Oswaldo Cruz: Carlos Machado de Freitas, doutor em Saúde Pública e pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública; Luciana Canavellas, também doutora em Saúde Pública, Psicóloga Clínica, professora e integrante da Coordenação de Saúde do Trabalhador; e Simone Kropf, doutora em História, pesquisadora e professora da pós-graduação em História das Ciências da Saúde. Com mediação do professor do CSVP Raphael Kapa, doutorando em História, o debate também teve como palestrante o também professor Rodrigo Carvalho, doutor em Gestão e Inovação. Os cinco trouxeram informações e reflexões importantes sobre os impactos da Covid-19 e os caminhos possíveis para nossas vidas daqui por diante. Para quem perdeu ou quiser rever, o vídeo do encontro virtual estará em breve disponível.

Na página ao lado, Natália e Vinícius Ourique abasteceram o Muro da Gentileza de máscaras; as fraldas arrecadadas por eles, a distribuição de cobertores nas ruas e o varal de máscaras na Estação Flamengo do metrô. Acima, quatro momentos do documentário dos lazaristas: imagens dos alunos do São Vicente; depoimento do Pe. Agnaldo de Paula, diretor pedagógico do Colégio; Pe. Lauro Palú no Santuário do Caraça; e Pe. Geraldo Mól falando para o público de um projeto social da PBCM

AOS MESTRES, COM CARINHO

Queridos professores e professoras,

De repente, não mais que de repente, o mundo acordou de cabeça para baixo. Sem que um único tiro fosse disparado, as pessoas foram aprisionadas em suas casas, no mundo inteiro, quase ao mesmo tempo. Uma ameaça invisível orquestrou a paralisação do planeta, em uma realidade nunca concebida fora dos filmes de ficção científica.

De repente, não mais que de repente, não havia gritos, risos, correrias, subida e descida de escadas, música, salas de aula, sala dos professores, cantina, pátio lotado. A escola tornou-se deserta.

Algumas pessoas não foram aprisionadas. O mundo, em choque, aturdido, precisava delas. Os médicos, enfermeiros e demais profissionais da saúde saíram na frente, realizando, com mais intensidade, o que juraram fazer: salvar vidas. Outros trabalhadores, incontáveis, continuaram sua tarefa de fazer o mundo caminhar, colocando em risco a própria existência, para que nós, os encarcerados, tivéssemos uma sensação de continuidade da vida.

Um grupo de profissionais precisou renascer nesse novo cenário: o dos professores e das professoras. Em meio a muitas incertezas e receios, descobriram possuir talentos inimagináveis. Aos poucos, tornaram-se novos heróis da pandemia. De repente, não mais que de repente, viraram atores e atrizes, videomakers, profissionais de TI, digital influencers, psicólogos e psicólogas, maquiadores e maquiadoras - esquecemos de alguma coisa? Ao mesmo tempo, cuidam de administrar seus dramas e dificuldades familiares, ocultos em sorrisos e brincadeiras que permeiam os encontros virtuais.

Uma frase de Guimarães Rosa ilustra bem esse percurso: "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende."

De repente, não mais que de repente, professores e professoras aprenderam ou aperfeiçoaram a forma de lidar com máquinas, de eliminar distâncias, de preencher vazios. Descobriram que sua palavra, seu sorriso e o amor que espalham por aí jamais serão substituídos por qualquer ferramenta tecnológica ou inteligência artificial, porque a ferramenta desses profissionais da educação é sua sensível inteligência, cunhada no amor natural, genuíno e profundo, sem expectativas de reconhecimento.

Por isso, professores e professoras, somos muito gratos. Para nós, vocês são heróis, heroínas, artistas e geniais, esperança de vida plena. O mundo está de cabeça para baixo, mas, de repente, não mais que de repente, vocês estão ajudando a colocar as coisas no lugar novamente, de forma vicentina, como de hábito.

Permitam que brilhe a sua luz, conduzindo o luminoso fecho da esperança, preservando a claridade do amor e do conhecimento que existe em vocês. Deixem luminosas pegadas indicando rumos a serem alcançados. Sorriam e prossigam fazendo o melhor, anunciando os paradigmas de amor e sabedoria que libertam consciências.

Muita paz e um carinhoso abraço vicentino.

A Diretoria

*carta enviada aos docentes do Colégio São Vicente em 8 de abril de 2020.

Mural da SAUDADE

• Bolinha •



Ilustração
Claudia Giestrecht Goes

Mural da SAUDADE



Manu Portugal

Mural da SAUDADE

Depoimentos dos alunos do 9 ano e do 1 ano do EM no chat do Encontro do SOE

O céu ganhou uma estrela.

"Ei ei, volta, amarra o cadarço". O Bolinha sempre foi um cara de coração exemplar. Tudo que era solicitado ele fazia com prazer. Espero que ele tenha encontrado sua tão merecida paz.

Vou sentir saudades da nossa resenha de futebol, os abraços e tudo, vai fazer muita falta, fica com Deus Bolinha, você é eterno.

Bolinha expressava amor a cada gesto! Eterno no coração dos vicentinos!

Cada bom dia, cada vai amarrar o cadarço, cada pequena ajuda ou conversa significava tudo.

Muito difícil lidar com isso neste momento, mas vamos passar por isso juntos!

ADEUS, BOLINHA!

Em meio à quarentena, uma notícia triste pegou de surpresa toda a comunidade do São Vicente. Na madrugada de 25 de maio, o inspetor José Ricardo Ferreira Evangelista, carinhosamente chamado por todos de Bolinha, morreu repentinamente, vítima de um enfarte fulminante, aos 48 anos de idade. Ele estava em casa, ao lado da esposa Aline, e das filhas Bruna, de 16 anos, e Bianca, de 13.

Impedidos de acompanhar o velório e o enterro do educador, em função da pandemia de coronavírus, alunos, ex-alunos, colegas, pais e responsáveis lotaram as redes sociais de mensagens em homenagem ao inspetor, muito respeitado e querido no Colégio São Vicente, onde trabalhava há 20 anos.

"Sempre sorridente e disponível! Vai fazer muita falta no nosso Pátio, nas nossas vidas!", disse a psicopedagoga Maria Clara Borges, do SOE, que postou a notícia com uma foto de Bolinha no Facebook. O post recebeu centenas de "likes" e dezenas de comentários emocionados e elogiosos ao inspetor.

"Que notícia mais triste! Tantos anos de parceria!!! Nossa gratidão e sentimentos à família!!!, disse Beatriz Carvalho. Num longo comentário de elogio e agradecimento, Paulo Vasconi Speroni escreveu: "Bolinha era o retrato fiel do belo corpo de inspetores do colégio, capazes de manterem a ordem ao mesmo tempo que são ombros amigos ... Muito obrigado por tudo! Força à sua família e aos amigos mais próximos, em especial ao Luciano, que deve estar arrasado por perder seu grande colega, pois juntos recebiam todos os dias os alunos pela porta de entrada do colégio."

E assim era. Bolinha fazia a portaria às 7h, na entrada dos alunos da manhã, depois ficava no pátio nos horários de recreio e saía do colégio às 16h. Há 30 anos na casa, Marleninha, decana do time de inspetores do São Vicente, falou com muita emoção do colega: "Bolinha foi uma pessoa que conviveu muito bem conosco, cuidou muito bem de todos nós. Ele era muito companheiro da equipe, muito querido pelos alunos. Vai estar para sempre nas nossas lembranças".

No domingo seguinte pela manhã, os padres lazaristas rezaram uma missa pelo sétimo dia do falecimento do educador e amigo José Ricardo e em intenção das vítimas da Covid-19, transmitida on-line pela página da Província Brasileira da Congregação da Missão, no Facebook. O SOE fez um chat com alunos do 9º ano e 1º EM com muitas falas bonitas e até uma poesia em homenagem ao inspetor querido, e toda a escola preparou, a distância, um mural digital com textos, fotos e desenhos para recordar os momentos ao lado do companheiro de tantos anos, o Mural da Saudade. Saudade, Bolinha. Descanse em paz.



Lauro Basile

Aninha

Soha Cabezas Santos

ARA

(^~^*) Rebeca (^-^*) (-_-) ;

Luisa

Pedro Marreca

Cacau Marçal

✂ Maria Luiza de B...

Tatiana Chiste

Eduardo

Dede Costa

Adair

✂ Pedro Gil ⚡⚡...

BENI & FELIPPE min...

Valentina Pira

Tamila Lopes

Sueli

✂ Henrique Figueir...

Clara vip

Julia Torres

Andrea da Silva Soares

Yasmin Liria

✂ Lara Rodrigues

Nina Spoladore ...

Carolina

Valéria Baptista

✂ Eduardo Montei...

Miguel

✂ MArtin oi tubarã...

Andrea Venancio d...

✂ Inácio

✂ Pedro Martini

Alice Cazes

Cecilia

✂ Isabel

✂ Miguel Paolucci

✂ Eduardo Garzon

✂ Bruna v.m.m!!!!!!!

✂ Tomás Caheté

✂ Alice Cabral

(maria)(#-#)

Yasmin Ribeiro

✂ Gabriela Fiore M...

✂ Eduardo Reis

✂ Isabela Gondim

✂ iPad de Amanda

✂ Leonardo Aquin...

✂ Francisco Nunes

✂ (^-^*) Rebeca (^-^...